

Vidros romanos em Portugal

Breves notas

POR

Abel Viana

I — Considerações preliminares

*Ao Ex.^{mo} Senhor Prof. Doutor António
Augusto Esteves Mendes Corrêa.*

Creemos não estar em erro ao pensarmos na inexistência de um trabalho de conjunto que nos proporcione visão suficientemente informativa do que, em matéria de vidraria romana, se tem descoberto em Portugal.

Tal como a respeito de outros géneros de achados arqueológicos, se tratássemos, apenas, de inventariar o que está publicado, o quadro ficaria imensamente incompleto, visto nos museus públicos e colecções particulares, de norte a sul do país, haver incalculável quantidade de materiais não dados ao conhecimento geral dos investigadores e estudiosos. Pretender determinar tudo quanto, de facto, se verificou até hoje, quanto aos vidros, quer fabricados na própria região, quer importados, é pretensão de todo irrealizável, dado que, segundo julgamos, só de uma pequeníssima percentagem de modelos chegaram até nós algumas peças inteiras ou completas, embora estilhaçadas, ou fragmentos capazes de nos darem ideia da forma, tamanho e mais particularidades dos objectos a que pertenceram.

Por sua própria natureza, as peças de vidro são fragilíssimas, mas a facilidade de total destruição torna-se ainda maior pela grande expansão dos gargalos, bordos e asas, sobretudo pela delgadeza das paredes, em relação ao tamanho das mesmas peças.

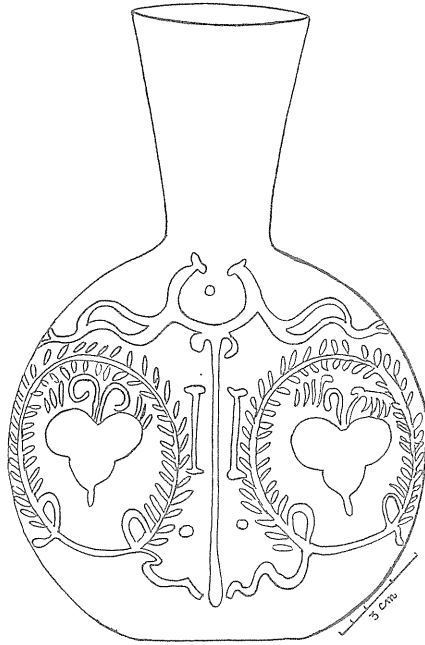


Fig. 1 — Garrafa de vidro esverdeado, com ornato gravado. Da necrópole romana do Bairro Letes, Faro. (Do Museu de Faro).

Nas ruínas de edifícios, tanto de cidades como de pequenos povoados, o vidro aparece, por assim dizer, sem excepção, completamente esmigalhado, o que se explica pela maneira violenta por que tais edifícios caíram em ruína total ou foram abandonados — demolições e incêndios de guerra, pestes erasmadoras, terramotos, malfeitorias —, não dando azo a que de seu recheio alguma coisa perdurasse capazmente nos entulhos.

São, ainda, os monumentos tumulares que transmitiram à posteridade os melhores testemunhos arqueológicos.

Ao nosso território o vidro deve ter chegado pela mão do mercador fenício, intensificando-se a sua introdução com os

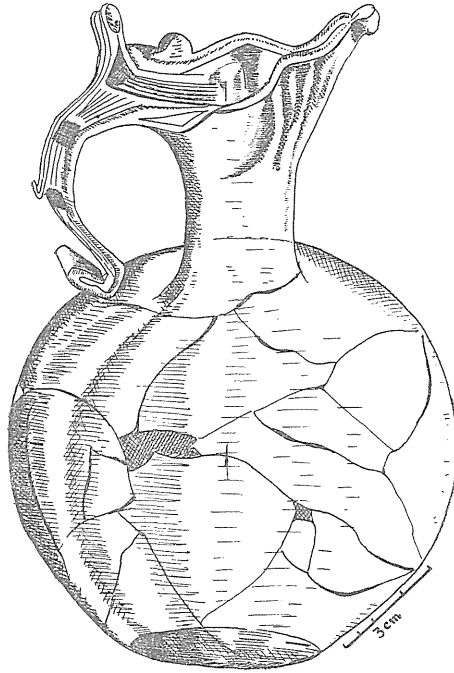


Fig. 2 — Garrafa da necrópole de Serrones, Freg. de Vila Fernando, Elvas. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

púnicos. A esta parte oés-meridional da Península, todavia, a generalização do uso do vidro só se teria feito mediante o comércio romano com as actuais comarcas do Alentejo e Algarve, a partir do séc. I a. C.

É claro que no breve relance aqui apresentado havemos de nos cingir ao pouco que sabemos, tanto por colheita na bibliografia a nosso alcance como pela experiência directa das inves-

tigações nossas próprias e daquelas em que temos participado. Não nos deteremos a analisar as diversas opiniões correntes acerca da descoberta ocasional do vidro, ou sua invenção propositada, cerca de 2.500 antes da nossa era, na Mesopotâmia, na Fenícia ou no Egipto, assim como sobre sua provável indus-

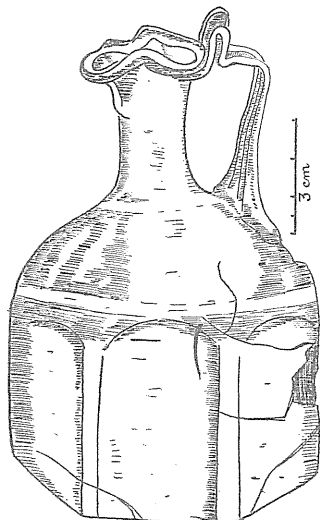


Fig. 3 — Garrafa de secção sextavada, da necrópole de Jerumenha
— Escola. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

trialização em antiquíssima data, por artífices vidreiros deste último país.

Em Portugal, os primeiros objectos de vidro de possível registo entre os achados arqueológicos são as contas de colar das estações da Idade do Ferro, nomeadamente as de Fonte Velha (Bensafrim), Silves, Estômbar, Torre d'Ares, Milreu, Cômoros da Portela, todas do Algarve, e a de Almogrebe (Odemira) (1). Estes adornos acham-se no Museu Etnológico, salvo parte das

(1) Estácio da Veiga — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Vol. IV, Lisboa, 1891.

contas de Almogrebe (1). Ainda do Algarve são as contas da Corte de Pero Jaques, também da freguesia de Bensafrim, con-

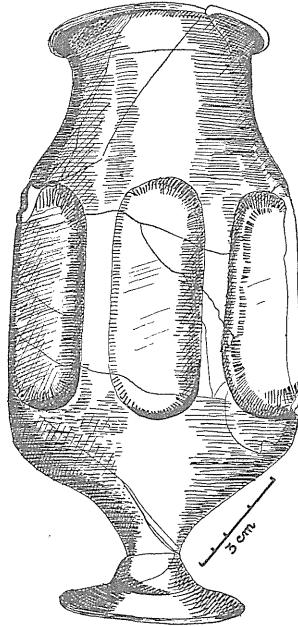


Fig. 4 — Copo com seis facetas côncavas, da necrópole do Padrão, freg. da Ajuda, Elvas. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

celho de Lagos (2). Ajuntaremos ao rol as 23 contas desta espécie achadas em Conímbriga.

(1) Disse Estácio da Veiga que elas pertenciam a El-Rei D. Carlos. Passaram à posse do pintor Henrique Casanova, o qual presenteou com parte delas a D. José Ramon Mélida, dando a outra parte a José Leite de Vasconcelos (Vid. *De Campolide a Melrose*, Lisboa, 1915, pág. 23, nota 3), segundo informa o ilustre fundador do Museu Etnológico Português. A notícia da oferta vem no Vol. XIII, pág. 378, de *O Archeologo Português*, Lisboa, 1907. «Aquisições do Museu Etnológico Português».

(2) Abel Viana, José Formosinho e Octávio da Veiga Ferreira — *De lo Prerromano a lo Árabe en el Museo Regional de Lagos*, «Archivo Español de Arqueologia», Madrid, 1953, pág. 4 da separata.

Estas pequenas peças de adorno, assim como algumas *tes-sellae* vítreas empregadas neste ou naquele pormenor mais delicado de pavimentos de mosaico (*opus vermiculata*), não constituem, todavia, o assunto determinante das presentes notas. Pretendemos,

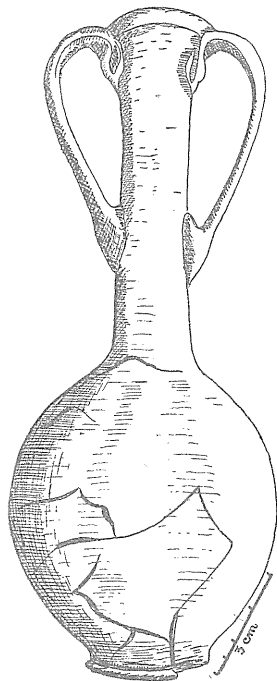


Fig. 5 — *Anforeta* da sep. 52 da necrópole do Padrãozinho, freg. de Ciladas, conc. de Vila Viçosa. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

sim, falar dos recipientes de vidro, romanos, ou da época da dominação romana, e, para isso, reportar-nos-emos, primeiro, às notícias escritas, de nosso conhecimento, tratando, depois, dos dois até agora mais importantes núcleos conhecidos de vidraria romana exumada em terra portuguesa: Elvas e Aljustrel.

As primeiras resumem-se quase exclusivamente ao que se nos depara na 1.^a série de «O Archeologo Português», o mais

importante dos nossos repositórios de notícias e estudos arqueológicos. Assim, temos:

— Vol. II (1896), págs. 152-153 — Monsenhor-Cónego J. M. Pereira Botto, «Archeologia do Algarve — Aro de Tavira». Res-

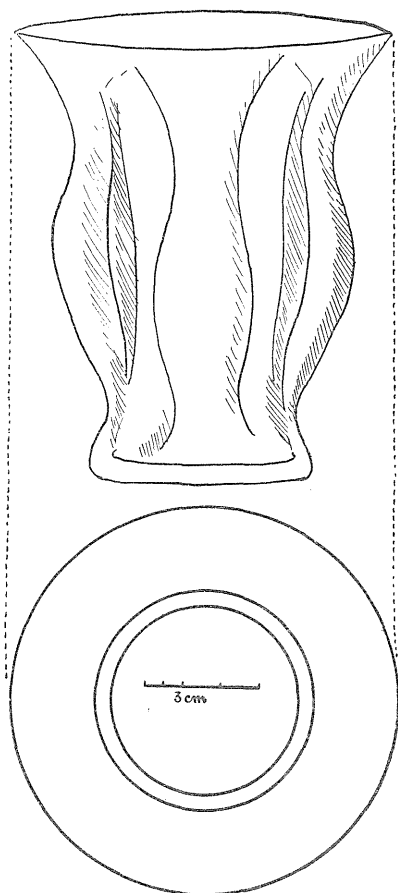


Fig. 6 — *Copo aos gomos*, de cor esverdeada, da necrópole do Bairro Letes, Faro. (Museu de Faro).

peita a cinco unguentários de quatro modelos diferentes, de uma sepultura da Quinta das Antas (ruínas de *Balsa*), Tavira.

— Vol. V (1900), págs. 102-104 — José Joaquim Nunes, «Necrópole luso-romana nos arredores de Lagos». Fala-nos de três unguentários e uma garrafa de bojo esferoidal exumados na importante estação pré-romana do Monte Molião. Desta mesma

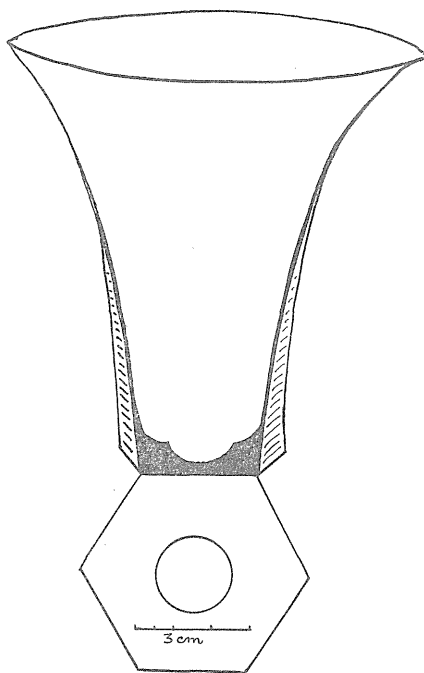


Fig. 7 — Copo de vidro verde-claro, de fundo sextavado e boca circular, em forma de tulipa. (Museu de Faro).

estação se guardam no Museu de Lagos quatro unguentários que foram publicados na «Revista de Guimarães» (1).

— Vol. VI (1901), pág. 222 — A. Tomás Pires, «Catalogo do Museu Archeologico de Elvas». Trata de um frasco de vidro

(1) Abel Viana, José Formosinho e Octávio da Veiga Ferreira — *Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos — Monte Molião*, «Revista de Guimarães», LXII, págs. 133-142, Guimarães, 1952.

esverdeado e secção quadrangular, com 0^m,170 de altura e 0^m,090 de lado, na base, achado no Cerro dos Fungueiros, freg. de São Brás de Varche, conc. de Elvas.

— Vol. VII (1902), pág. 192 — Fragmento de vidro branco, ornamentado, do bojo de uma vasilha. Achado em Beja.

— Vol. X (1905), pág. 165 — Unguentário de gargalo largo e bojo esferoidal proveniente de uma das sepulturas que se descobriram ao construir-se a estação ferroviária de Beja.

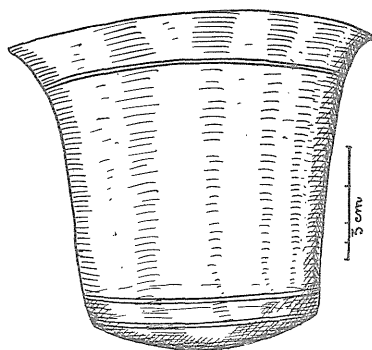


Fig. 8 — Copo muito alto, de fundo e boca circulares. (Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

— Vol. XI (1906), pág. 236 — Pedro A. de Azevedo, «Noticias varias». Aparecimento, em Condeixa-a-Velha, de uma garrafa de vidro branco, cheia de líquido.

— Vol. XIV (1909), pág. 48 — A. dos Santos Rocha, «Thezouro funerario da Lameira Larga. Epoca luso-romana». Dele faziam parte um unguentário, uma taça e um gomil, de 190, 36 e 135 milímetros de altura, respectivamente. Diz Santos Rocha que a taça é semelhante a outras, da Fonte Velha.

— Idem, pág. 57 — Unguentário piriforme, de Mombeja, oferecido ao Museu Etnológico.

— Vol. XV (1910), pág. 55 — A. I. Marques da Costa, «Estações prehistoricas dos arredores de Setubal». Pequeno fragmento

de vidro azul, opaco, decorado com uma cebola (bolbo e folhas) feita de esmaltes amarelo, verde e branco, do qual dá uma estampa colorida.

— Idem, pág. 222 — Estácio da Veiga (publicação póstuma), «Antiguidades Monumentaes do Algarve». Uma «clepsidra de vidro, em forma de pinha», do Monte Molião, Lagos.

— Idem, pág. 251 — «Acquisições do Museu Etnologico Português». Um «lindo vaso de vidro».

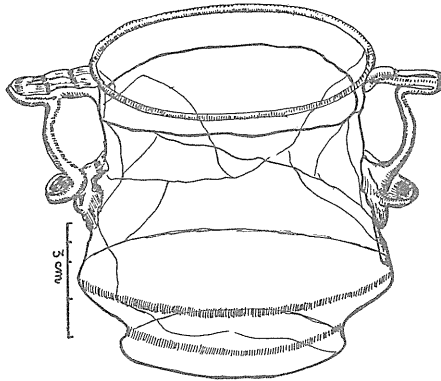


Fig. 9 — Urna com duas asas, da necrópole de Cardeira, Jerumenha. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

— Vol. XX (1915), pág. 268 — Luís Chaves, «Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Termo de Óbidos)». Pedaco de um gargalo de vidro, abraçado por uma série de anéis.

— Vol. XXIII (1918), pág. 1 — J. L. de V., «Antigualhas da Beira Baixa»: Um unguentário de um dos tipos mais vulgares e uma «espécie de bule», de 0^m,102 de altura, «objecto muito raro» de que José Leite disse não conhecer paralelos na nossa arqueologia.

— Vol. XXIV (1919), pág. 230 — J. L. de V., «Coisas Velhas». Taça de vidro, com 0^m,041 de altura e 0^m,150 de diâmetro,

da quinta de Torre d'Ares (ruínas de *Balsa*), Tavira. No mesmo sítio apareceram outros objectos vítreos (1).

Conforme se verifica, e atendendo a que a 1.^a série de «O Archeologo» se estendeu desde 1895 a 1933, a colheita não é considerável.

No catálogo do Museu da Figueira da Foz (2), Santos Rocha inventariou muitas espécies recolhidas em Bensafrim sem, contudo, dado o carácter sumário daquela publicação, as descrever (3); assim como aponta duas peças de Tavarede (4).

Nas «Religiões da Lusitânia», vol. III, pág. 187, publicou o Prof. Leite de Vasconcelos outro frasco prismático, de secção quadrada, achado no Pombalinho.

Há, certamente, mais que apurar na bibliografia portuguesa, mas não nos ocorre qualquer outra nota recolhida no decurso de nossas leituras.

Parece-nos, todavia, que a melhor descrição entre nós até agora feita de um conjunto de vasos de vidro, da época romana, é a de Santos Rocha, ainda a respeito da necrópole luso-romana da Fonte Velha, Bensafrim (5).

O ilustre figueirense, neste belo estudo, mais uma vez se nos revela situar-se no mais alto plano da investigação arqueológica

(1) Vid. Abel Viana — *Balsa y la necropolis romana de As Pedras d'El Rei*, «Arch. Esp. de Arqueologia», págs. 261-285, Madrid, 1952.

(2) António dos Santos Rocha — «O Museu Municipal da Figueira da Foz — Catálogo Geral», Figueira, 1905.

(3) N.ºs 4378 (vaso de perfumes); 4448 a 4466 (19 vasos?); 4468 a 4471 (4 vasos?).

(4) N.º 1866 (?) e 1867 («fragmento de vasilho de vidro azul, esmaltado de amarelo e verde, tipo fenício»).

(5) A. dos Santos Rocha — *Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve* — 3.º. *Antiguidades do concelho de Lagos*, «O Arch. Port.», Vol. I, págs. 327-337, Lisboa, 1895.

nacional, a par de Martins Sarmiento, Félix Alves Pereira e ninguém mais, se considerarmos a sabedoria teórica ligada à competência do escavador e sua capacidade de raciocínio.

Santos Rocha diz ter ali achado «numerosos fragmentos de vasos de vidro», salientando as seguintes peças:

— Vaso em forma de gomil, de vidro esverdeado, «recordando perfeitamente a *oinchoé* dos gregos»; tinha o colo elevado e 0^m,150 de altura, aproximadamente.

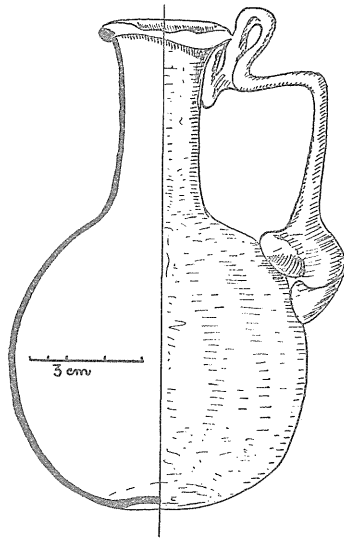


Fig. 10 — *Garrafa com asa*, da necrópole de Valdoca, Aljustrel.
(Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

— Dois copos grandes, como alguns dos «copos da actualidade»: um de vidro muito fino e diáfano, campanulado, com 0^m,093 de alt.; o outro de vidro esverdeado, com faixas esmerilhadas, que devia ter tido pé, e lhe pareceu ser do tipo do da Fig. 207 da obra «Rome», de Guhl e Koner; tem de altura 0^m,100.

— Outro com ornatos em relevo, do tipo de *aryballos*; alt. — 0^m,080.

— Outro do tipo do anterior, mas sem asa e de vidro tão delgado como folha de papel, pelo que só foi possível restaurar a parte superior.

— Restos de uma taça ondulada, com «fundo de prato, guarnecida de faixas esmeriladas».

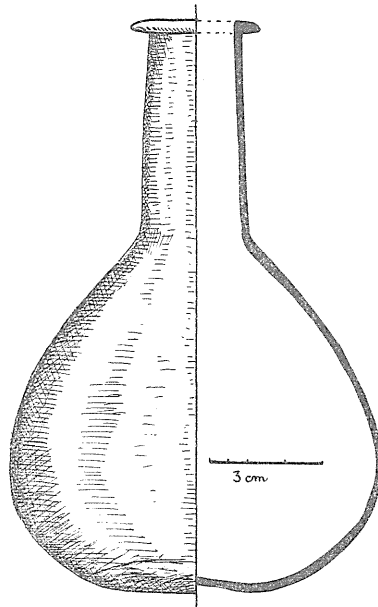


Fig. 11 — Garrafa sem asa, da necrópole de Valdoca, Aljustrel.
(Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

— «Uma elegante garrafinha de vidro amarelo, de colo alto e estreito e com o bojo em forma de taça». Alt. — 0^m,165.

— Outra, de vidro esverdeado, sem pé, com o bojo aumentando de diâmetro para a base.

— Diversos pequeninos vasos que «pertencem indubitavelmente ao tipo do *alabastron*» mas com o gargalo mais desenvolvido.

— Restos de um vaso despolido, com ornatos em relevo, do tipo *oinochoé*.

Entende que os vasos de boca larga, tais como a *oinochoé*, as taças, copos e outros assim, e tais como alguns dos vasos de barro, se destinaram às libações. Quanto às garrafinhas e ao

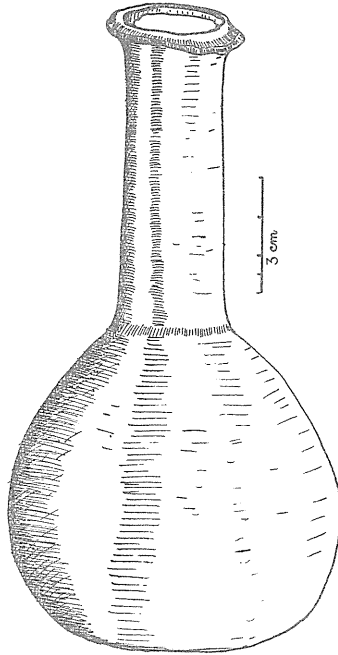


Fig. 12 — Garrafa da necrópole de Cardeira, Jerumenha.
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

alabastron, que por muito tempo se julgaram (e não falta quem ainda hoje os julgue) destinados à recolha das lágrimas dos parentes do morto, acha mais próprio, por razões que apresenta, incluí-los no tipo de *unguentarium*, isto é, dos frascos de perfumes. Segue, neste ponto, a opinião de Rich, e a propósito cita o passo de um poeta latino, sobre a versão de E. Breton — «O teu herdeiro,

furioso de ver os bens diminuídos, desprezará o festim do teu funeral, encerrará na urna os teus ossos sem perfumes».

Conclui dizendo-nos que as circunstâncias da tumulação dos vidros em Bensafirim são semelhantes às da necrópole de Poitiers, mandada explorar pelo governo francês e atribuída à época galo-romana.

Notou, ainda, que alguns dos vasos foram deformados pela acção do fogo. O facto está hoje comprovadíssimo. Leite de Vas-

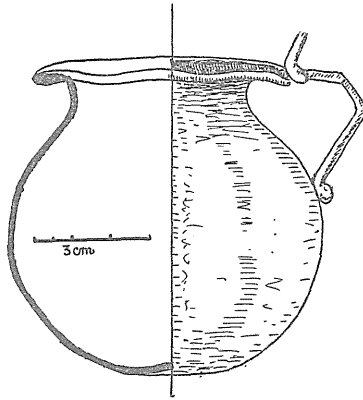


Fig. 13 — *Urna de Valdoca*, Aljustrel. (Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

concelos assinalou-o também e, relativamente às nossas explorações pessoais, não nos faltam exemplos da deformação dos vasos vítreos por motivo de um mais ou menos adiantado começo de fusão (Vid. n.^{os} 100 e 104).

Nas sepulturas de inumação, os vasos de vidro acham-se, por via de regra, colocados em escaninhos formados nas paredes laterais da caixa tumular, quando esta é feita de tijolos ou de fragmentos de tégula, pela supressão de alguns desses elementos cerâmicos. Em tais condições foi encontrada a garrafa com ornato

gravado, que representamos na Fig. 1 (1). Mas também os colocavam ao lado do cadáver, umas vezes por detrás da cabeça, como geralmente o faziam nos vários tipos de sepultura da segunda época do Bronze, outras à altura dos joelhos, ou um pouco acima deles.

As sepulturas mais ricas de mobiliário, porém, são as que, prosseguindo no rito de incineração da 2.^a Idade do Ferro, nomea-

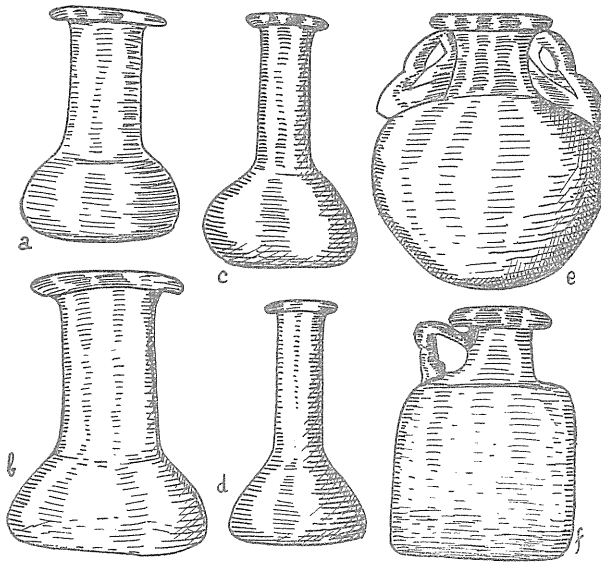


Fig. 14 — a, b, c, d, e — Arredores de Alcanena; f — Azinheira, Golegã.
(Museu de Torres Novas).

damente post-hallstático, correspondem às populações indígenas romanizadas, cronologicamente pertencentes ao longo período decorrente desde o 1.^o século a. C. até o 3.^o, inclusive, da nossa

(1) Vid. Abel Viana — *O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)*, «Brotéria», Vol. LIII, Figs. 7 e 9, Lisboa, 1951; Balsa y la necropolis romana de As Pedras d'El Rei, Fig. 7.

era. Na maioria destas necrópoles deparam-se-nos, um a par do outro, os ritos de inumação e incineração.

As deste último rito são sempre as grandes fornecedoras de materiais cerâmicos, vítreos e metálicos.

É o que sucede nas regiões de Elvas, Aljustrel, Marim e Bensafrim ⁽¹⁾.

Entre nós, os recipientes de vidro surgem nas necrópoles transtaganas a partir do Séc. I a. C., pelo Algarve, Baixo Alen-

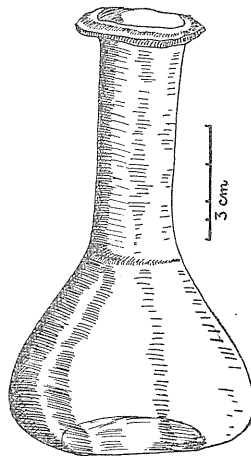


Fig. 15 — *Frasco da necrópole de Cardeira, Jerumenha.*
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

tejo e região elvense, as duas primeiras desde cedo influenciadas poderosamente pelo comércio romano, a terceira vivendo intensamente o ambiente cultural emeritense. Reportamo-nos, evidente-

(1) Chamamos mais uma vez a atenção para o facto de, em Bensafrim, se ter escavado uma necrópole de gente romanizada, dos últimos tempos da Idade do Ferro, sobreposta a outra possivelmente contemporânea das de Alcácer do Sal e Quinta dos Patuos, estudado pelo Prof. Mendes Corrêa o material desta última. Entre ambas as épocas se situariam as necrópoles da Chaminé e Cardeira, do termo de Elvas.

mente, ao que a tal respeito se conhece. Não acreditamos que no Alto Alentejo sòmente se tenha de considerar o que se sabe através das explorações de António Dias de Deus, feitas a sós ou connosco, pois, certamente, muito há ali por descobrir, e muitíssimo mais tem de ser o que se perdeu e o que, por falta de vigilância e de providências razoáveis, se continua a perder.

Do mesmo modo, não podemos conceber que na região ebo-rense e outras do Alto Alentejo, assim como no Baixo, fora de Aljustrel, o mesmo tipo de necrópoles se não tenha fartamente multiplicado durante os três ou quatro séculos, desde a ocupação do nosso território meridional, pelos romanos, até fins do III (1). No Baixo Alentejo e Algarve devem ter sido já destruídas muitas necrópoles deste tipo, sem que a seu respeito ficasse a menor notícia. Pela descrição feita de algumas escavações nas ruínas de Meróbriga (Santiago de Cacém), persuadimo-nos de que algumas

(1) Sobre necrópoles desta espécie, vid, Abel Viana e António Dias de Deus: *Necropolis celtico-romanas del concejo de Elvas (Portugal)*, «Arch. Esp. de Arqueol.», n.º 80, Madrid, 1950; *Exploração de algumas necrópoles celtico-romanas do concelho de Elvas*, «XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Tomo VIII, Lisboa, 1950; *Notas para el estudio de la Edad del Hierro en el concejo de Elvas (Portugal)*, «Cronica del VI Congreso Arqueologico del Sudeste — Alcoy, 1950», Cartagena, 1950; *Nuevas necropolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal)*, «Arch. Esp. de Arqueol.», Madrid, 1955. *Necropolis de la Torre das Arcas*, «Arch. Esp. de Arqueol.», 2.º Sem., Madrid, 1955; *Campos de urnas do concelho de Elvas — Paço Ducal de Vila Viçosa — Materiais da Secção Arqueológica*, «O Instituto», Vol. 118, Coimbra, 1958 (trabalho redigido em 1950). — António Dias Ferreira, P.º Henrique da Silva Louro e Abel Viana — *Apointamento de estações romanas e visigóticas da região de Elvas*, «Crónica del III Cong. Arqueol. Nacional — Galicia, 1953», Zaragoza, 1955. — Abel Viana — *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XII, Porto, 1950; *Notas de Arqueologia alto alentejana. (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)*, «A Cidade de Évora», n.os 33-34, Évora, 1955.

casas de época romana foram construídas sobre o cemitério pré-romano (1).

II — Descrição de materiais

Como parte principal desta muito incompleta nota, reproduzimos, fotograficamente e pelo desenho, as peças mais apresen-

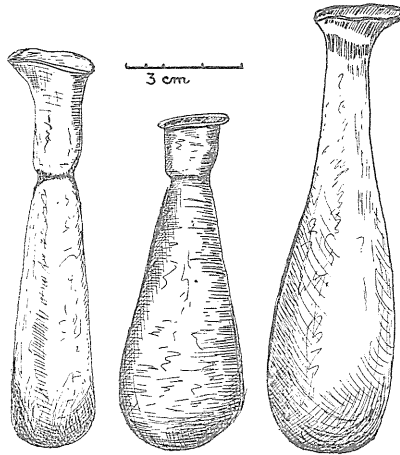


Fig. 16 — *Unguentários da necrópole do Padrão, Ajuda, Elvas.*
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

táveis dos espólios vítreos das necrópoles céltico-romanas de Aljustrel e da região de Elvas, e umas quantas vasilhas, embora poucas, de outras localidades.

Algumas peças vão apresentadas em mais de uma fotografia, umas vezes porque são mostradas sob aspecto diferente, outras vezes porque, estando acompanhadas de outras, servem para

(1) Vid. Cruz e Silva — *Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago de Cacém, Sines e Odemira*, «Arquivo de Beja», Vol. III, pág. 294, Beja, 1945.

estabelecer escala. Eis os exemplares aqui figurados e agrupados pelas estações arqueológicas a que pertencem :

Necrópole de Valdoca, na vila de Aljustrel.

2 — Unguentário tubular, da sepultura n.º 369. Falta-lhe o fundo. Vidro azulado, claro. Alt. actual — 0^m,094; diâm. da boca — 0^m,018 × 0^m,019; id. próximo do fundo — 0^m,021.

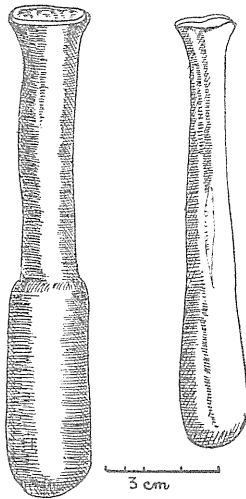


Fig. 17 — Unguentários da necrópole dos Serrones, Vila Fernando, Elvas. (Paço Ducal de Vila Viçosa).

3 — Unguentário tubular, de vidro azul um tanto carregado. Da sep. n.º 496, Alt. — 0^m,118; diâm. máx. na boca — 0^m,015; id. no tubo — 0^m,028.

4 (= 8) — Unguentário de vidro branco, com o bojo aos gomos. Sep. n.º 496. Falta-lhe o bocal. Alt. actual — 0^m,077; diâm. máx., na convexidade dos gomos — 0^m,032; id. no cavado — 0^m,013 a 0^m,017.

9 (= 2), 10 (= 3), — 12 Unguentários tubulares.

- 11 (= 40) — Unguentário tubular com pé circular desenvolvido.
 13 (= 26 = 67) — Unguentário em forma de garrafinha de gargalo comprido.
 15, 16 — Bocais de unguentários.
 30 — Garrafa de vidro branco, de bojo esférico e provida de asa.
 31 — Bocal de unguentário.
 32 — Unguentário de bojo tronco-cónico.

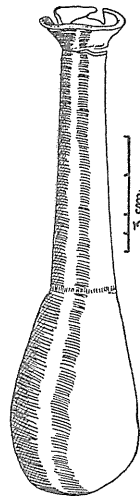


Fig. 18 — Unguentário de Cardeira, Jerumenha.
 (Paço Ducal de Vila Viçosa).

- 36 — Pequena taça com o fundo em calote esférica.
 37 — Unguentário de bojo tronco-cónico.
 38 — Bilha de vidro branco, fino, com asa.
 39 (= 62) — Unguentário tubular.
 40 (= 11) — Unguentário tubular com grande base de sustentação.
 42 — Copo campanulado.
 43 — Jarro esferoidal, de boca larga e com asa.
 49 (= 13), 50 (= 31) — Bocais de unguentários.

55 — Unguentário de bojo tronco-cônico.

56 — Garrafinha.

57 (= 76) — Taça esferoidal, com oito pares de estrias paralelas e horizontais.

58 — Prato de borda muito baixa. Vidro branco.

61 (= 31 = 50) — Pequeno vaso de vidro branco espesso.

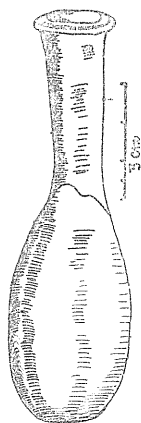


Fig. 19 — Unguentário de Jerumenha — Escola.
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

62 (= 39) — Unguentário tubular.

63 — Unguentário de bojo piriforme.

68 — Pequenino unguentário cerâmico, de bojo piriforme e gargalo curto, afunilado.

71 — Garrafinha de bojo ovalado, com gargalo estreito, afunilado e muito comprido.

72 (= 97) — Garrafa piriforme.

74 — Unguentário tubular, de pequeno bojo tronco-cônico.

75 (= 12) — Unguentário tubular com base de sustentação.

77 — Pequena taça em forma de tília.

80 — Jarro de largo bocal afunilado, com asa.

85 (= 32) — Bocal de unguentário, tamanho natural.

90 (= 3 = 10) — Unguentário tubular.

100 — Unguentário profundamente deformado por começo de fusão.

103 — Unguentário tubular.

110, 111 — Dois aspectos de uma pequena taça circular, ainda cheia de argila.



Fig. 20j — Unguentário do Padrão, Elvas.
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

112 — Parte superior de uma garrafa de bojo esférico ornado com linhas horizontais.

116 e 117 — Bocais de unguentários, muito ampliados.

118 (= 32 = 85) — Unguentário tubular, de pequeno bojo tronco-cónico.

Necrópole da Horta das Pinas, freg. de Aventosa, conc. de Elvas.

5 — Fragmento de unguentário. Diâm. máx. — 0^m,070.

17 (= 120) — Frasco de secção quadrada, com asa. Alt. — 0^m,076; lado da base — 0^m,076.

18 (= 121) — Frasco de secção quadrada, atarracado. Alt. — 0^m,084; lado da base — 0^m,069.

19 — Parte de garrafa de secção quadrada. Alt. actual — 0^m,070; lado da base — 0^m,054.

20 (= 122) — Parte de uma garrafa de secção sextavada.

21 (= 47 = 126) — Unguentário tubular. Falta a parte correspondente ao bocal. Alt. actual — 0^m,110; diâm. máx. — 0^m,024; id. no estrangulamento — 0^m,015.

23 — Unguentário em forma de garrafinha.

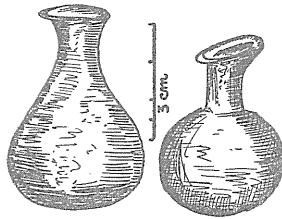


Fig. 21 — *Pequeninos unguentários da necrópole das Pinas, Elvas. (Paço Ducal de Vila Viçosa).*

24 (= 96) — Grande frasco cilíndrico, com asa. Alt. — 0^m,170; diâm. em cima — 0^m,089; id. em baixo — 0^m,084; id. no bocal — 0^m,042.

28 — Urna de duas asas. Vidro muito fino, ligeiramente esverdeado. Alt. — 0^m,091; diâm. na boca — 0^m,078; id. no bojo — 0^m,092; id. no fundo — 0^m,056.

29 — Pequeno gomil de vidro branco, muito fino. Alt. — 0^m,134; diâm. no bojo — 0^m,078.

33 (= 107) — Pequenino frasco piriforme, de fundo chato. Vidro azulado. Alt. — 0^m,045; diâm. máx. — 0^m,035; id. na boca — 0^m,018.

34 (= 108) — Unguentário tubular, sem estrangulamento no gargalo. Alt. — 0^m,159; diâm. na boca — 0^m,022; id. no bojo — 0^m,032.

35 (= 109) — Pequeno frasco de bojo esférico, ligeiramente achatado na base. Alt. — 0^m,045; diâm. máx. — 0^m,034; id. na boca — 0^m,016.

44 — Pequeno frasco de fundo oitavado, com asa. Alt. — 0^m,100; diâm. do fundo — 0^m,065; id. ext. do bocal — 0^m,030.

48 — Garrafinha de bojo esférico e gargalo comprido, afunilado. Alt. — 0^m,150; diâm. máx. — 0^m,084; id. no fundo — 0^m,042; id. na boca do gargalo — 0^m,024; alt. do gargalo — 0^m,076.

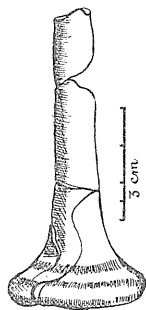


Fig. 22 — Vaso de «A do Rico», Elvas.
(Paço Ducal de Vila Viçosa).

59 e 60 — Garrafa de vidro branco e gargalo estreito. Este falta-lhe, todavia, mas seria, provavelmente, semelhante ao do n.º 48. Bojo esférico, com cinco estrias paralelas. Em 59 mostra-se a garrafa dentro da vasilha de barro em que foi desenterrada.

69 (= 70) — Grande frasco prismático, de base quadrada. Asa curta e larga, estriada longitudinalmente, acompanhando a altura do gargalo. Vidro azulado. Alt. — 0^m,241; base — 0^m,096 × 0^m,098; diâm. da boca do gargalo — 0^m,055.

81 (= 123) — Pequena taça campanulada, com algumas estrias horizontais. Fundo convexo. Vidro branco. Alt. — 0^m,074; diâm. na boca — 0^m,098; id. do pé — 0^m,044.

82 (= 124) — Pequena taça idêntica à anterior, mas do fundo plano. Vidro branco. Alt. — 0^m,074; diâm. na boca — 0^m,093; id. no fundo — 0^m,061.

91 — Grande copo com quatro faces deprimidas no centro, formando gomos. Boca circular. Vidro levemente esverdeado. Pé curto. Alt. — 0^m,193; diâm. na boca — 0^m,099; id. no pé — 0^m,051.

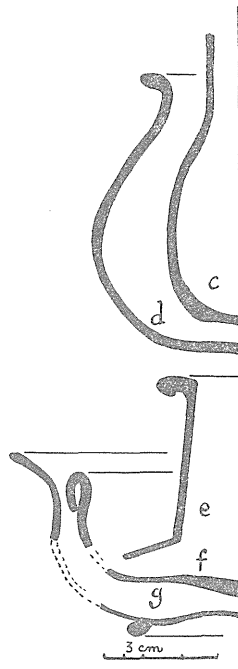


Fig. 23 — Perfis de vasos de vidro de Valdoca, Aljustrel.
(Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

104 — Frasco de secção quadrada, com asa larga, de secção rectangular. Vidro esverdeado. Exemplar deformado por começo de fusão. Alt. — 0^m,170; base — 0^m,071 × 0^m,071; diâm. na boca — 0^m,048.

113 — Unguentário tubular, muito comprido. Alt. — 0^m,165; diâm. no bojo — 0^m,024; id. na boca — 0^m,022.

114 — Unguentário tubular. Alt. — 0^m,068; diâm. máx. — 0^m,028; id. na boca — 0^m,020.

115 — Unguentário tubular. Alt. — 0^m,100; diâm. no bojo — 0^m,020; id. na boca — 0^m,021.

119 — Unguentário de bojo semielíptico. Gargalo comprido e um pouco afunilado de baixo para cima, isto é, em funil invertido. Vidro bastante espesso. Alt. — 0^m,120; id. do gargalo — 0^m,060; diâm. na boca — 0^m,032; id. máx. — 0^m,088.

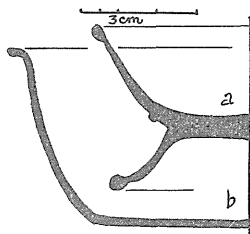


Fig. 24 — *Perfis de vasos da necrópole de Valdoca, Aljustrel.*
(Col. Arqueol. das Minas de Aljustrel).

Necrópole da Herdade do Padrãozinho, freg. de Ciladas, conc. de Vila Viçosa.

64 (= 65) — Prato fundo, de vidro esverdeado. A face externa do fundo é côncava. As fotografias mostram-no pelas duas faces.

67 (= 87 = 92) — Pequena garrafa, atarracada, grosseiramente cilíndrica.

78 (= 83) — Pequena taça semiesférica, da sep.^a n.º 83.

79 (= 84) — Taça idêntica à anterior, um pouco maior.

88 (= 93) — Pequeninino jarro com asa, visto de lado e do bocal. Da sep.^a n.º 112.

94 (= 101) — Pequeno frasco de secção sextavada, com asa. Na fot. 101 vê-se o bocal. Da sep.^a n.º 60.

95 (=102) — Grande unguentário tubular, de base circular. Da sep.^a n.º 112.

Na fot. 102 se apresenta o fundo, no qual se vê, ao centro, em relevo, dentro de um arco semicircular, um grande V e por fora do mesmo arco, em toda a volta, as letras: CN. A. ING. V. A. V. M., sem que saibamos por onde é que realmente começa esta legenda.

Herdade dos Serrones, freg. de Vila Fernando, conc. de Elvas.

1 (=99) — Gomil de vidro branco esverdeado (Vid. Fig. 1). Sep.^a n.º 22.

6 — Unguentário de bojo tronco-cónico, fragmentado. Sep.^a n.º 22.

25 — Copo afunilado, muito alto e de pé curto. Vidro fosco, talvez pintado e muito alterado. Sep.^a n.º 76.

27 — Grande copo de pé curto e bojo de seis faces deprimidas ao centro, a todo o comprimento. Sep.^a n.º 39.

41 — Copo cilíndrico, sem pé, de fundo plano. Mostra-se tal qual foi desenterrado. Sep. n.º 18.

125, 126 e 127 — Unguentários tubulares. O segundo é da Horta das Pinas e o terceiro é da sep.^a n.º 7.

Jerumenha (na vila, sítio da Escola, e na Herdade de Cardeira).

7 — Unguentário em forma de pequena garrafa.

51 — Unguentário de bojo semioval.

52 — Unguentário tubular.

53 — Unguentário de bojo semiesférico.

54 — Unguentário de bojo semiovalado.

73 — Urna de duas asas. Vidro branco esverdeado.

86 — Grande prato em forma de taça com fundo circular e bordo formando gomos. Ácha-se completamente em estilhas e foi

fotografado com os fragmentos colados ao molde de terra argilosa, conforme foi exumado.

Herdade do Padrão, freg. de Ajuda, conc. de Elvas.

22 — Unguentário tubular.

45 — Unguentário tubular de base arredondada.

105 — Pequena taça de vidro (dentro de outra vasilha).

Herdade da Chaminé (da necrópole romana), freg. de Vila Fernando, Elvas.

14 (=46) — Garrafinha estreita e muito alta, de bojo piriforme alongado e gargalo estreito, alto e afunilado.

Herdade de «A do Rico», freg. de Degolados, conc. de Campo Maior.

89 — Unguentário tubular, com larga base circular (Vid. Fig. 22).

Defesa de Cima, freg. de Rio de Moinhos, conc. de Borba.

98 — Pequeninha galheta, do feitio de almotolia. Vidro esverdeado. Alt. — 0^m,102.

106 — Pequeninha garrafa de vidro azul-anilado. Bojo esférico, ornado de estrias horizontais. Gargalo curto, de bordo revirado e alargando de cima para baixo. O fundo tem ao centro uma cavidade afunilada que entra profundamente no interior do bojo, como comprido espigão cónico. Alt. — 0^m,098.

III — Critica das formas comuns em Portugal

O recipiente de vidro mais comum nas sepulturas céltico-romanas e romanas a sul do Tejo é o unguentário, vasilha geralmente muito pequena e de feição tubular, a que inúmeras pessoas continuam a dar o nome de «lacrimatório», ou «lacrimário», por suporem-na destinada à recolha de lágrimas.

Dos 58 exemplares aqui apresentados, 47 em fotografias e 11 mediante desenho, fazemos oito grupos, cada qual representativo de um tipo mais ou menos caracterizado. Assim:

Tipo I—Gargalo quase sempre comprido, estreitando de baixo para cima, ou seja, afunilado. Depósito ovalado e pouco mais largo que o gargalo. Entre o gargalo e o depósito há um estrangulamento mais ou menos pronunciado. São deste tipo os números 3, 10, 52, 90, 103, 115, 125, 126, 127 e os das Figs. 18 e 19 (3=10=90).

Tipo II—Semelhante ao anterior mas, neste grupo, o perfil do depósito quase se confunde com a linha do gargalo. Este é mais ou menos curto, conforme o estrangulamento do tubo se apresenta no terço inferior, a meio ou mesmo próximo do bocal. Vid. n.ºs 2, 9, 21, 22, 45, 47, 113, Figs. 16-*a* e 16-*b*.

Tipo III—Não há separação definida entre depósito e gargalo. O objecto apresenta a forma de pingo de tocha mais ou menos engrossado na base. N.ºs 4 (=8), 39, 62, 108, 114 e Fig 16-*c*.

Tipo IV—É um simples tubo aproximadamente cilíndrico, ou estreitando ligeiramente ao centro, alargando mais acentuadamente em baixo, onde há um pé circular, umas vezes maciço ou quase (n.º 11), outras oco, formando minúsculo depósito (n.º 12). Incluímos neste grupo os n.ºs 11, 12, 40, 75, e Fig. 22.

Tipo V—Gargalo grosso, umas vezes cilíndrico, outras alargando de cima para baixo, isto é, à maneira de funil invertido.

Depósito em forma de pequeno tronco de cone, com base muito larga. N.ºs 6, 32, 37, 55, 74, 89, 118 e Fig. 14 (*a, b, c, d*); e ainda o n.º 100, amolecido pelo fogo da pira.

Tipo VI—Gargalo como no tipo V. Depósito mais alto que no tipo anterior e com a forma de meio elipsóide cortado pelo eixo transversal. N.ºs 5, 23, 51, 53, 54, e Fig. 15.

Tipo VII—Idêntico ao Tipo VI mas com bojo piriforme. N.ºs 7, 63, 68 (este é cerâmico), 119.

Tipo VIII—Idêntico aos Tipos VI e VII mas com depósito esférico, N.ºs 13 (26 = 67).

Os exemplares dos Tipos I, II e III tem fundo arredondado, pelo que, são de equilíbrio instável. Por este motivo, alguns exemplares (n.ºs 21, 22, 108, 113, 114 e 115) mostram por baixo, na fotografia, o suporte de plasticina, sobre o qual tivemos de os equilibrar. De modo geral estes recipientes são constituídos por um tubo que vai alargando de cima para baixo, arredondando na base, tomando o fundo a forma de calote esférica. Podem ter o gargalo definido por um estrangulamento mais ou menos vincado, a maior ou menor altura da peça, ou não apresentar tal separação.

O Tipo IV é um simples tubo, mas bem equilibrado num pé que pode também conter líquido. O vidro destes quatro primeiros tipos costuma ser fino, mais ou menos azulado, mais ou menos esverdeado.

Os Tipos V, VI, VII são também de equilíbrio seguro, sobre um pé bastante largo, sobretudo no primeiro. O vidro é grosso, quase sempre branco, ou branco azulado. O gargalo é sempre muito alto e grosso em relação ao depósito. São como pequeninas garrafas.

Estes caracteres se acentuam no Tipo VIII (n.ºs 13, 26 e 27 — três aspectos do mesmo exemplar).

Dentro de cada tipo podem notar-se outras particularidades. Assim o n.º 4 (= 8) é enformado aos gomos — forma ornamental

que nesta época se empregava em outros modelos de vasilhas de vidro, assim como em peças cerâmicas.

Outras formas de vasilhas, podiam também ter servido para conservação ou recolha de perfumes, mas estas são verdadeiramente peculiares, principalmente as dos Tipos I, II e V. Em todas elas o gargalo constitui parte essencial do recipiente, pelo menos de capacidade igual à da parte bojuda. Nos exemplares dos Tipos V a VIII, o gargalo chega, por vezes, a ter capacidade superior à do depósito. Este enorme desenvolvimento do gargalo atinge proporções invulgares em dois dos exemplares do Museu de Torres Novas (Fig. 14, *a*, *b*).

Quanto aos bocais das vasilhas, são eles quase sempre de bordos muito largos e, umas vezes, ligeiramente afunilados, outras revirados para baixo. É o que se verifica, de resto, nas outras vasilhas providas de gargalo, como frascos e garrafas.

Vejamos, seguidamente, as outras qualidades de vasilhas vítreas.

Temos sob o n.º 1 e na Fig. 2 um elegante gomil, cuja boca se vê com o n.º 99.

De igual delicadeza as urnas n.º 28 e n.º 73 (=Fig. 9), a galheta, ou pequenino gomil, representada sob o n.º 29, e a outra galheta, do feitio de almotolia, que tem o n.º 98.

Peças também notáveis os três copos, n.ºs 25, 27, 91 (=Figs. 4, 6 e 7), a anforeta de duas asas, representada na Fig. 5, e, finalmente, a garrafa que mostramos na Fig. 1, com ornato gravado (1).

(1) Vid. Abel Viana — *O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)*, separata de «Brotéria», pág. 15, Vol. LIII, Lisboa, 1951. Aí se publicaram também os copos de Figs. 6 e 7. Por lapso tipográfico se disse aí que esta garrafa tinha 0^m,070 de altura, em vez de 0^m,170.

Ainda na categoria das garrafas de bojo esférico, como a da Fig. 1, há as de gargalo estreito e afunilado, de bocal simples, isto é, sem qualquer debrum ou revira, como a n.º 48 e a 59-60 e a n.º 56, esta última incluível nos unguentários do Tipo VII, se não fora a relativa curteza do gargalo.

Do mesmo tipo de bojo esférico são também as de asa larga, de secção rectangular, canelada e caprichosamente dobrada junto ao bocal ou no cotovelo, tais como as dos n.ºs 30 e 112. Esta última mostra círculos equidistantes circuitando o bojo, finamente delineados, sendo que tais círculos ornamentais se observam também na garrafinha n.º 106 e nas taças n.ºs 36, 42, 57, 76, 82, 123 e 124 (=82).

No grupo das urnas registamos ainda as formas apresentadas pelos exemplares n.ºs 41, 77, 78 (=83), 79 (=84) e 110 (=111).

Formas frequentes de frascos, quase sempre de asa larga, estriada e dobrando em ângulo agudo, ou seja, com o cotovelo situado acima do plano de inserção da asa no gargalo, são os prismáticos de secção quadrada ou aproximadamente quadrada (n.ºs 17 (=120), 18 (=121) e 104), por vezes bastante altos (n.ºs 69-70), ou de secção sextavada (n.ºs 20, 94 (=101 e 122), alguns muito atarracados, como o da Fig. 3, ou de secção octogonal (n.º 44), e os de secção cilíndrica, como o n.º 24 (=46).

Como garrafinhas reputamos também as duas vasilhas de gargalo alto, estreito e afunilado, sobre corpo piriforme alongado (n.ºs 14 e 71) e os pequeninos recipientes figurados sob os n.ºs 107 e 109, todos eles, certamente, usados como unguentários.

As nossas estampas mostram ainda: duas bilhas (n.ºs 38 e 66 (=87 e 92) e dois jarros (n.ºs 43 e 88 (=93), providos de asa os quatro recipientes.

Há, finalmente, o pequenino boião (n.º 61) e os dois pratos (n.ºs 58 e 64-65), constituindo qualquer dos dois peça rara de se encontrar sem ser completamente esmigalhada, pois sua forma,

tamanho e consistência não são de molde a garantir sequer relativa integridade. Há um terceiro prato, de bordo lobulado (n.º 86), o qual só pelo facto de se conservarem os pequeninos fragmentos colados ao molde interno de argila ofereceu possibilidades de o fotografarmos.

Muitas outras peças se encontram aguardando possível restauro, tanto na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa como na colecção das Minas de Aljustrel e outras particulares, do nosso conhecimento directo.

Não nos consente a finalidade imediata do presente estudo longa série de comparações. Faremos, no entanto, algumas, embora poucas, apenas como possível indicação de processo.

Aljustrel é, de facto, a estação arqueológica portuguesa até agora conhecida que maior quantidade e variedade de vidros tem proporcionado ao nosso exame. Virgílio Correia ⁽¹⁾ publicou a fotografia de cinco peças do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, sob indicação de «Vidros sepulcrais romanos (Aljustrel)». Supomos tratar-se de objectos exumados na extensíssima necrópole de Valdoca, na qual, à data presente, levamos exploradas mais de quinhentas sepulturas, a respeito das quais estamos elaborando o respectivo relato ⁽²⁾.

As aludidas peças acham-se inteiras e são cada qual de seu formato, parecendo terem sido seleccionadas para ilustração do estudo de Virgílio Correia.

A necrópole de Valdoca vinha sendo, desde muito, destruída

(1) *O Dominio Romano* — «História de Portugal» dirigida por Damião Peres, Vol. 1, pág. 258.

(2) Esta exploração, iniciada em 1954, tem sido feita por Ruy Freire de Andrade, com a colaboração de Octávio da Veiga Ferreira e nossa. Nos meados de 1958, ao redigirmos as presentes notas, haviam sido escavadas ou identificadas cerca de 600 sepulturas.

por buscadores de tesouros e até pelo simples trânsito de pessoas, gados e viaturas.

No Etnológico, não sabemos de que procedência, existe uma garrafinha com ornato gravado, parecendo-nos, quando em tempos a vimos, igual à do Museu de Faro (Fig. 1).

No Museu de Beja há um frasco de secção quadrada (vidro verde) e uma garrafa de bojo esférico (vidro branco, idênticos aos n.ºs 17 e 48, respectivamente (1)). Deste último formato, há no mesmo Museu um gargalo igualmente afunilado, comprido e estreito, mas com a superfície ornada de finas caneluras torsas (2).

No Museu de Badajoz há dois frascos de secção quadrada, um deles com as arestas e os vértices bem arredondados (3), e três unguentários do nosso tipo VII. No de Mérida, que conta um belo núcleo de vidros romanos, existe um copo aos gomos, do mesmo género que o n.º 91 (4), um unguentário do nosso tipo VI e três pratos de vidro, mais incompletos que os dois nossos.

Outro frasco de secção quadrada, deste tipo tão abundantemente representado em Elvas e Aljustrel, e que denominaremos por «tipo do Pombalinho», encontramos no Museu de Alicante, proveniente do Tosal de Manises (5).

No Museu de Ampúrias (Gerona), só da sepultura n.º 13 da necrópole denominada «Torres», foram extraídos nada menos de 22 unguentários, quase todos do nosso tipo II, e mais duas peque-

(1) Abel Viana — *Museu Regional de Beja*, «Guia de Beja», Beja, 1950, Fig. da pág. 124.

(2) Este e outros fragmentos de vidros romanos colhidos por Abel Viana no Rossio da Barreira (Beja), em 1939, serão objecto de estudo especial.

(3) *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, Vol. VI, Est. II, Madrid, 1945.

(4) *Mem. de los Museos*, IV, Est. IV, Madrid, 1944.

(5) *Mem. de los Museos*, VI, Est. LXXII.

ninas bilhas asadas, semelhantes à n.º 66, quanto à metade superior, sendo a metade inferior como a da nossa garrafa n.º 48 (1).

No de Granada, além de uma linda ânfora de vidro soprado, possivelmente romana (2), há outros exemplares também dignos de menção.

No de Valhadolide, há um boião esférico e outro ovóide, formas que ainda não vimos entre nós; e ali se guarda também uma garrafa de forma idêntica à dos n.ºs 67, ou 93, ou do unguentário n.º 119, mas provida de uma asa que vai em linha recta do flanco do bojo ao bordo do gargalo, formando ângulo agudo com o eixo vertical da vasilha (3).

Do de Burgos conhecemos: quatro taças semelhantes ao n.º 36, porém de fundo ovalado; outra semelhante ao n.º 110, e um recipiente idêntico ao n.º 61. A primeira está ornada com 18 mamilos azuis. Duas das taças medem unicamente 0^m,035 de diâmetro e são como pequeninos pratos (4).

No de Badajoz existem: uma garrafinha de bojo esferoidal achatada, e comprido gargalo quase cilíndrico, medindo o todo 0^m,198, e três unguentários bastante grandes, dois deles incluíveis no tipo VII e o restante como os do tipo n.º 4, de pé circular e oco (5).

Da necrópole de Can Fliit, Iviça (Baleares), há um copo de vidro de pé alto, semelhante ao n.º 25, e um frasco de secção quadrada (6).

(1) *Mem. de los Museos*, VI, Est. XIV.

(2) *Mem. de los Museos*, VI, Est. XXIII.

(3) *Mem. de los Museos*, III, Est. LXXIII.

(4) *Mem. de los Museos*, VII, Est. XX.

(5) *Mem. de los Museos*, VIII, Est. III.

(6) *Ampurias*, IV, págs. 145 e 151, Barcelona, 1942.

Entre as inúmeras peças do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, se encontram peças idênticas a quantas de estações portuguesas aqui deixamos apontadas, como exemplo, um jarro como o n.º 1 (*oinochóe*), uma garrafinha como a n.º 106, um frasco de secção quadrada como o n.º 94, uma urna (*ulceolus*) semelhante à n.º 73, outra como a n.º 57, mas conservando as duas asas (1).

As peças que mais abundam são as do género *ampulla*, não só pela sua maior frequência nos espólios funerários, mas também porque seu reduzido tamanho e relativa robustez melhor asseguraram a integridade da peça. As vasilhas grandes raríssimas vezes escaparam ao esmagamento no seio da terra e aos acidentes de escavação exploratória. Há que recolher cuidadosamente todos os pedaços, por mínimos que sejam, e procurar reconstituir a vasilha, hábil e pacientemente.

Alguns recipientes vítreos eram singularmente avantajados. A. Viana e Fernando Nunes Ribeiro recolheram de uma sepultura de Santa Luzia, concelho de Odemira, os fragmentos de uma vasilha de vidro que seria, talvez, como um garrafão de 10 litros (2), infelizmente de muito difícil, se não de impossível reconstituição.

Na colecção do Dr. Fernando Nunes Ribeiro há também o fragmento de uma asa de vidro esverdeado, achado em escavação de uma rua de Beja. Tal fragmento não representa mais que a porção ligada ao bordo. A largura desta asa é de 0^m,095 e mostra 0^m,009 de grossura. Deve ter pertencido a um frasco prismático, de grandes dimensões.

(1) *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional — 1940-1945*, Est. xxxv, Madrid, 1947.

(2) Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro — *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, «Arquivo de Beja», Vol. XIII, Beja, 1957.

É para notar que algumas vasilhas repetem ou imitam formas da cerâmica chamada *terra sigillata*, ao passo que outras encontram fiel repetição na vidraria moderna.

Temos por certo que muitas não teriam utilidade prática, visto o seu tamanho se não harmonizar com a extrema delgadez de paredes. As mesmas razões nos levam a admitir que, embora muitas peças fossem de importação, das oficinas de vidreiros regionais teriam saído aquelas cuja fragilidade não consentia longo e acidentado transporte.

Aqui damos por finda estas breves notas acerca dos vidros soprados, de época romana, achados em Portugal.

Observações

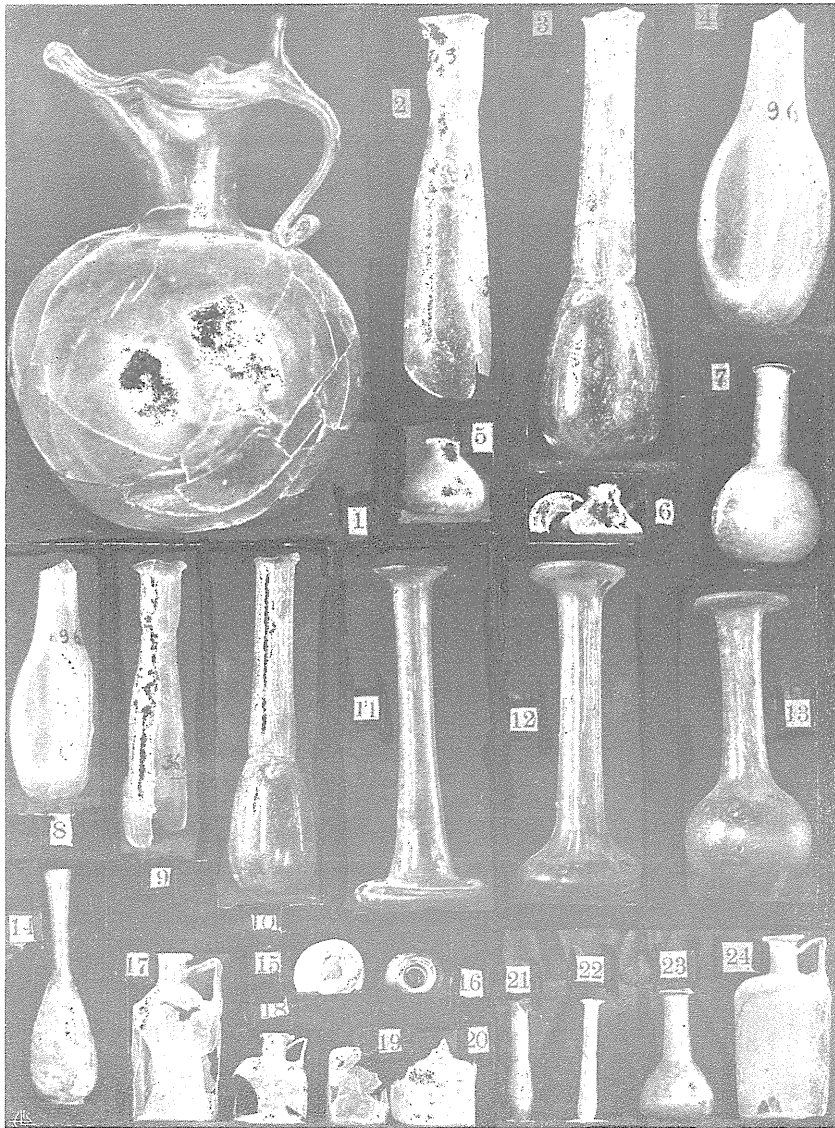
— Os exemplares de Torres Novas (Fig. 14), assim como outros objectos do museu daquela vila, serão tratados em estudo prestes a publicar por D. Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira.

— O estudo das necrópoles de Jerumenha (Escola e Cardeira) está a ser preparado por A. Viana.

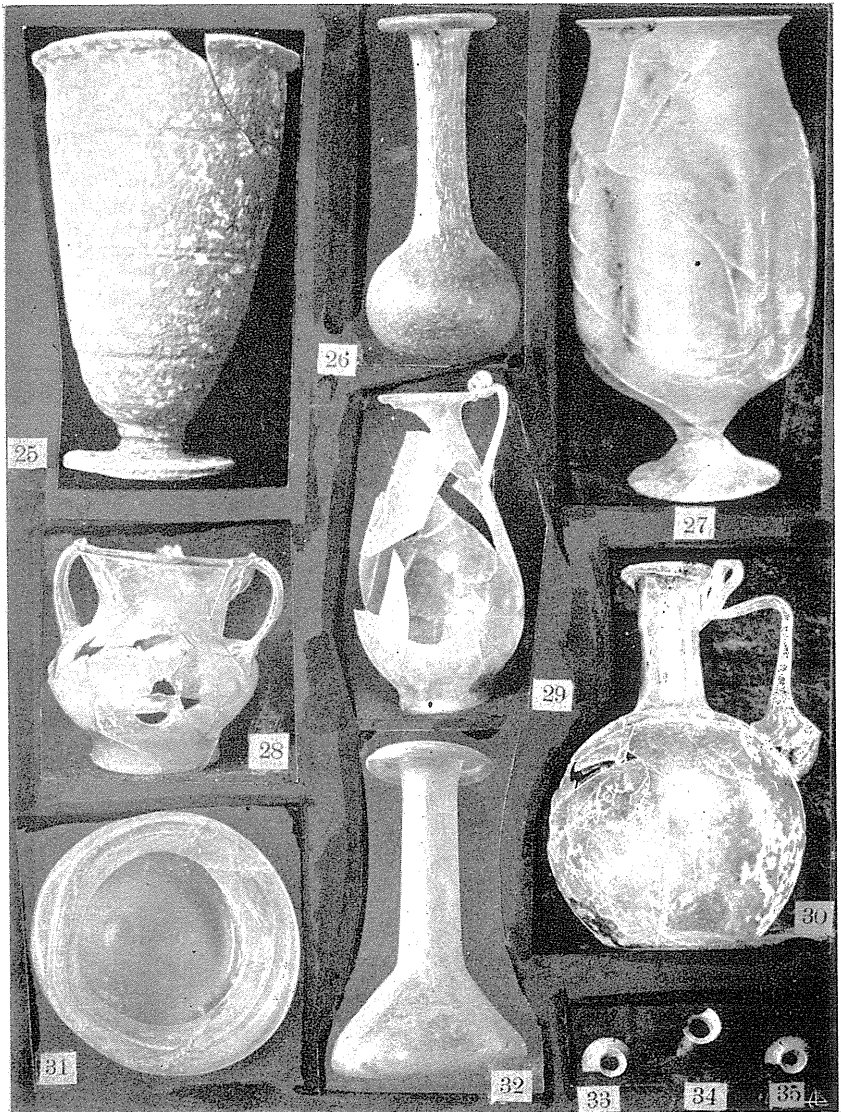
— As peças n.ºs 98 e 106 pertencem ao Sr. Dr. João de Figueiredo, Conservador do Museu-Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança, no Paço Ducal de Vila Viçosa, e foram achadas em propriedade sua.

— Os exemplares de Valdoca são pertença da Colecção Arqueológica das Minas de Aljustrel, organizado sob o patrocínio da Sociéte Anonyme Belge des Mines d'Aljustrel.

— Fotografias de Abel Viana; Desenhos de A. Viana, Veiga Ferreira, Neves e Atilio.



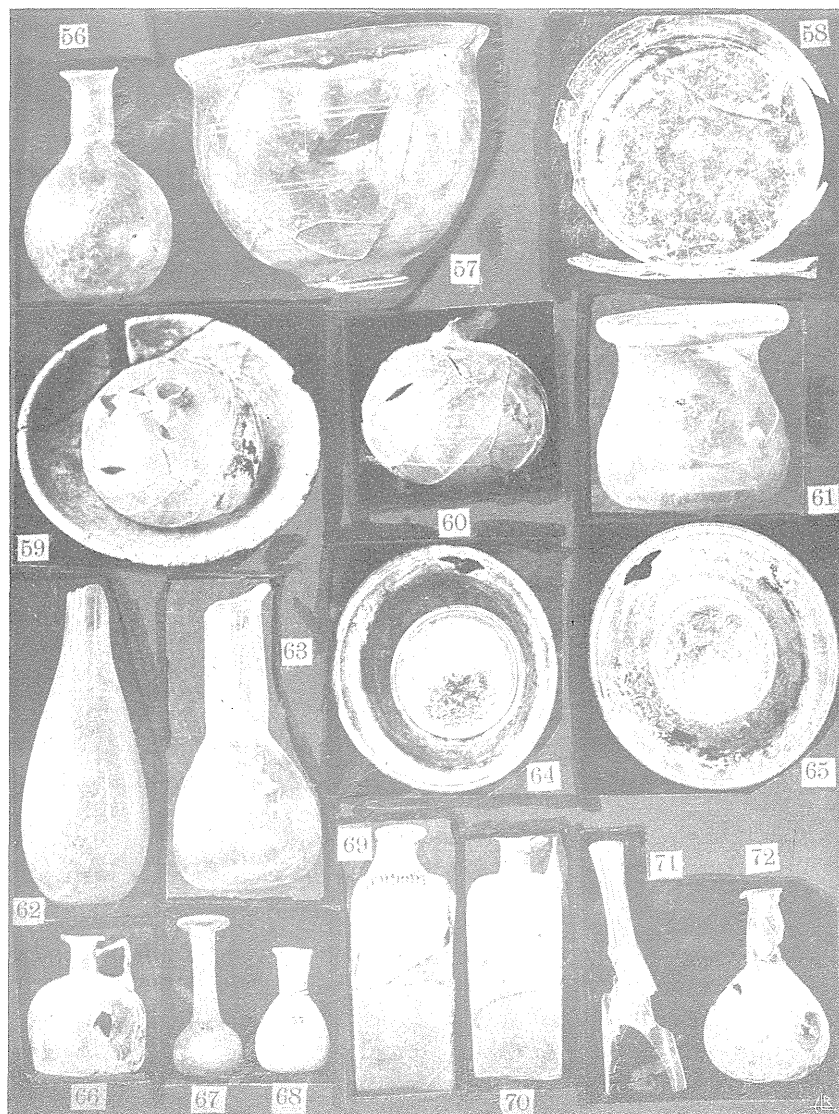
N.ºs: 1 e 6 (Serrones); 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15 e 16 (Aljustrel); 5, 17, 18, 19, 20, 21, 23 e 24 (Horta das Pinas); 7 (Jerumenha); 14 (Chaminé); 22 (Padrão).



N.ºs: 25 e 27 (Serrones), 26, 30, 31 e 32 (Aljustrel); 28, 29, 33, 34 e 35 (Horta das Pinas).



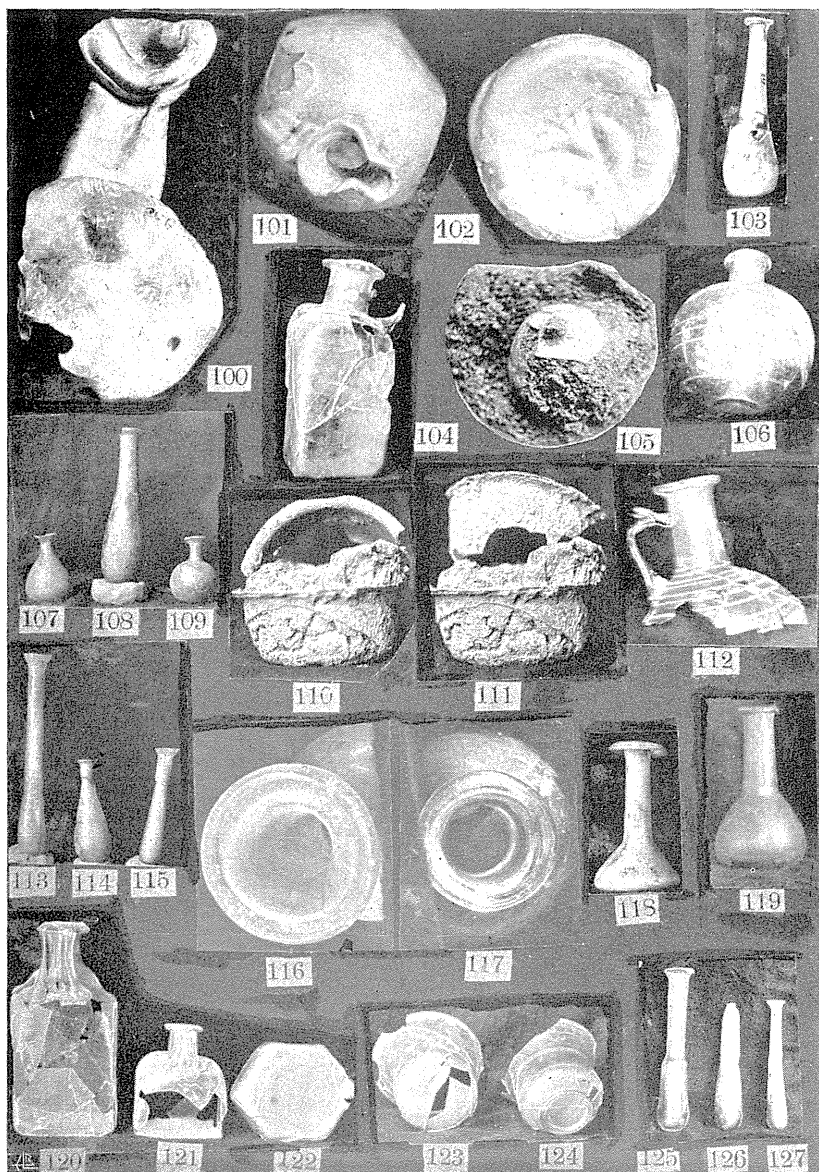
N.os: 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43 e 55 (Aljustrel); 41 (Serrones); 44, 47 e 48 (Horta das Pinas); 45 (Padrão); 46 (Chaminé); 49 e 50 (Aljustrel); 51, 52, 53 e 54 (Jerumenha).



N.ºs: 56, 57, 58, 61, 62, 63, 66, 68, 71 e 72 (Aljustrel); 59, 60, 69 e 70 (Horta das Pinas); 64, 65 e 67 (Padrãozinho).



N.os: 86 e 73 (Jerumenha); 74, 75, 76, 77, 80, 85, 90 e 97 (Aljustrel); 78, 79, 83, 84, 87, 88, 92, 93 e 95 (Padrãozinho); 81, 82, 91 e 92 (Horta das Pinas); 82 (A. do Rico); 98 (Defesa de Cima); 99 (Serrones).



N.os: 100, 103, 110, 111, 112, 116, 117 e 118 (Aljustrel); 101, 104, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 123, 124 e 126 (Horta das Pinas); 102 (Padrão-zinho); 106 (Defesa de Cima); 125 e 127 (Serrones).